

## RELAÇÕES DE TRABALHO NAS INDÚSTRIAS DO SETOR CERÂMICO DE CRICIÚMA - 1960 - 1980

### WORK'S RELATIONS IN THE INDUSTRIES OF THE CRICIÚMA'S CERAMIC SECTOR - 1960 - 1980

João Henrique Zanelatto<sup>1</sup>  
Antonio Luiz Miranda<sup>2</sup>  
Ismael Gonçalves Alves<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo trata da história das trabalhadoras e trabalhadores do setor cerâmico de pisos e azulejos de Criciúma. Inicialmente aborda-se a diversificação do parque industrial de Criciúma a partir da década de 1960. O setor cerâmico cresceu rapidamente nesse período, destacando-se as cerâmicas Cesaca e Cecrisa, que foram as maiores do setor na década de 1970. A questão central do artigo é analisar as diversas experiências que as trabalhadoras e trabalhadores vivenciaram no espaço fabril e que levou a construção da categoria de trabalhadores ceramistas. Através das entrevistas e da análise de outros documentos, como as fichas funcionais, foi possível perceber aspectos como a organização sindical, a disciplina da fábrica, o controle dos encarregados e as formas de resistências articuladas pelas trabalhadoras e trabalhadores.

**Palavras-chave:** Trabalho. Experiências. Cerâmicas.

**Abstract:** The article deals with the history of the workers and workers in the ceramic industry floors and Criciúma tiles. Initially deals with the diversification of industrial Criciúma park from the 1960s The ceramic industry grew rapidly during this period, highlighting the Cesaca Cecrisa and ceramics, which were the largest sector in the 1970s The central issue paper is to analyze the various experiences that working women and men experienced in the manufacturing space and which led to construction of the category of potters workers. Through the interviews and the analysis of other documents such as the functional chips, it was revealed aspects such as union organization, the discipline of the factory, the control of charge and forms of resistance articulated by workers and employees.

**Keyword:** Worke. Experiences. Ceramics.

## Introdução

A pesquisa buscou dar visibilidade para a história das trabalhadoras e dos trabalhadores do setor cerâmico de Criciúma, principalmente a partir da diversificação da economia local. O processo de diversificação industrial em Criciúma, como em toda a região Sul de Santa Catarina, ensaiou seus primeiros passos na década de 60 e se aprofundou nas décadas de 70 e 80. Esse processo atraiu grande contingente de migrantes para Criciúma, os quais constituíram a força de trabalho dos vários setores da

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor e Doutor em História, professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Membro do Grupo de Pesquisa História Econômica e Social de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Doutor em História, professor do Curso de História da Universidade Federal Fronteira Sul.

<sup>3</sup> Doutor em História, professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Membro do Grupo de Pesquisa História Econômica e Social de Santa Catarina.

indústria, assim como a incorporação das mulheres no mercado de trabalho, sendo as cerâmicas um dos setores que empregou um número significativo de força de trabalho feminino. Assim, buscamos compreender como o processo de organização sindical, o lazer e as sociabilidades contribuíram para a construção dessa categoria de trabalhadores.

As trabalhadoras e os trabalhadores de Criciúma do setor ceramista experimentaram as mais diversas situações: organizações sindicais, migrações, resistências, bem como as transformações mais recentes no mundo do trabalho. Portanto as reflexões que seguem foram pensadas a partir dos conceitos de experiência e cultura fundamentados pelo historiador inglês E. P. Thompson. Conforme o autor é pela experiência que homens e mulheres tornam-se sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam essa experiência (classe, gênero, étnicos, etc.) em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras, e agem sobre determinada situação. (THOMPSON, 1981, p. 182).

Ao estudar o fazer-se da classe operária, Thompson trouxe esses conceitos para a tradição marxista e divergiu veementemente de um paradigma estruturalista/economicista. “A pátria da teoria marxista continua onde sempre esteve, no objeto humano real, em todas as suas manifestações (passadas e presentes)...” (THOMPSON, 1981, p. 55), e não em uma teoria pré-estabelecida. E continua: “A classe é uma formação tanto cultural como econômica e é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história” (THOMPSON, 1987, p. 12-13).

A experiência das trabalhadoras e trabalhadores foi reconstruída por meio de entrevistas. Assim, recorreremos à noção “memória” de Holbwachs (1990) e Bosi (1987), e à história oral de Antonio Torres Montenegro (1992). Quanto às reflexões sobre a memória, lembramos que ela tem o poder de nos encantar e afetar com os detalhes fugidios, porque as narrativas expressam-se em pontos de vistas próprios, buscando do ontem e reinterpretados hoje. Cada depoente tem uma história, é personagem do próprio enredo, e, mesmo que este misture memória coletiva, não deixa de ter um componente individual.

Maurice Halbwachs (1990) nos diz que a memória é constituída por grupos sociais, tem uma dimensão coletiva, espontânea, múltipla, guardiã do passado e manifestada na pluralidade afetiva. Mesmo com esse argumento, o autor não tira do

indivíduo a faculdade de lembrar, pois, apesar de trazer componentes significativos que possam ser compartilhados coletivamente pela memória, o ato de lembrar tem sua própria seletividade. Nessa perspectiva, Alessandro Portelli (1997, p. 16) argumenta que: “o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. Portanto, devemos fazer a leitura nas entrelinhas desses discursos, rever interpretações e questionar o que parecia inquestionável, pois, como afirma Ecléia Bosi (1987, p. 17), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar como imagens e ideias de hoje as experiências do passado”.

Portanto, a história oral é, sem dúvida, um dos possíveis caminhos para a compreensão de relações passadas. Na oralidade, a memória se apresenta como importante na medida em que realça o sensível, descobre o desejo, relembra passagens e desdobra fragmentos indivisíveis que só a curiosidade pode fazer transbordar.

Nesta perspectiva o entrevistador “deve ser visto como um parceiro do entrevistado, que não conhece a pressa e muito menos a impaciência e que está sempre disponível a ouvir as histórias do entrevistado com atenção e respeito mesmo ela tendo ou não significado para sua pesquisa em tela” (MONTENEGRO, 1992, p. 57). Devemos respeitar a fala do entrevistado como meio de obter uma narrativa natural e espontânea.

Foram realizadas sete entrevistas. Destas, cinco com trabalhadoras, duas com trabalhadores, sendo que um deles era o presidente do sindicato dos ceramistas. Como fica evidente no exposto, parte maior das entrevistas foi realizada com mulheres, pois em alguns setores da cerâmica elas eram maioria. Além das entrevistas utilizamos os jornais de circulação na cidade de Criciúma, durante as décadas de 1960 e 1980, e 78 fichas de admissão do arquivo das cerâmicas Cesaca e Cecrisa.

## **O Crescimento das Cerâmicas**

O município de Criciúma, desde meados do século XX, é conhecido como a “capital do carvão”, devido à presença das empresas mineradoras que exploravam suas jazidas de carvão, as quais se tornaram o carro-chefe da economia local.

A acumulação de capital ocorrido com a extração do carvão contribuiu para o processo de diversificação da economia no município. Outras atividades, que até então estavam pouco presentes no cotidiano das pessoas, como os setores da cerâmica, vestuário, calçados, plástico e a indústria metalúrgica, passaram a ganhar espaço. Essas atividades, até então ofuscadas pelo sucesso que representava a mineração, com a crise

do setor, passaram a ganhar seu espaço e a compor com mais expressão a economia da região.

Sobre a diversidade ocorrida na cidade, José Paulo Teixeira (1996, p. 60) analisa:

Mas a diversificação econômica no município se desenvolve plenamente, rompendo com o “exclusivismo” da mineração, nos anos 60 e 70. Setores do empresariado começaram a perceber que as chamadas crises do carvão não decorriam apenas da dependência do setor em relação às políticas e decisões governamentais, mas do esgotamento do modo “exclusivista” adotado e passam a investir em outros ramos industriais, como a cerâmica e o vestuário.

O bom resultado gerado pelas “novas” atividades fez com que tradicionais empresários do setor extrativista passassem a se decidir também a um desses novos setores em amplo crescimento. Exemplo disso é a família Freitas, que acabou ampliando os seus negócios para o setor cerâmico, que futuramente transformaria a região no maior polo de revestimento cerâmico do país. Sobre essa transição, Maurício dos Santos (1997, p. 65) diz: “A trajetória da diversificação é presente em quase todas as grandes mineradoras, fazendo com que os empresários do carvão se façam presentes em quase todos os setores da economia do Sul de Santa Catarina”.

A instalação do setor cerâmico teve início no final da década de 1940. Em 1946, instalou-se em Criciúma a Cerâmica Santa Catarina Ltda., mais conhecida como Cesaca, que possuía 16 sócios. A cerâmica ocupava uma área aproximadamente de 3.814 metros quadrados, 140 trabalhadores, sendo 89 homens e 51 mulheres (GOULARTI FILHO, 2002).

Na década de 1950, entra em funcionamento a Cerâmica Eliane, localizada atualmente no município de Cocal do Sul e em Urussanga a Cerâmica Ceusa. No final dos anos 60 instala-se em Criciúma a cerâmica Cecrisa, que se tornaria posteriormente a maior cerâmica da região Sul, sendo comandada pelo grupo Freitas. Na década de 1980, instalaram-se no parque industrial, localizado em Criciúma, no bairro Primeira Linha, as cerâmicas Portinari, Eldorado e De Lucca (GOULARTI FILHO, 2002).

Segundo Maurício Aurélio dos Santos (1997, p. 71),

A diversificação econômica da região Sul de Santa Catarina, iniciada no final da década de 1940, com o setor cerâmico, através da criação da CESACA, Cerâmica Eliane, bem como a CEUSA, entre outras, toma novo fôlego na década de 1970, em especial na cidade de Criciúma.

Inferimos que as sucessivas crises enfrentadas pelo setor extrativista contribuíram para que ocorresse uma diversificação industrial. Muitos empresários passaram a se

dedicar aos novos setores (cerâmica, vestuário, calçado e plástico). Nas décadas seguintes, o setor cerâmico começou a ganhar espaço, constituindo-se em uma das principais atividades econômicas desenvolvidas no município. Com grande sucesso representado pela nova atividade, Criciúma aos poucos deixou de ser conhecida somente como a “Capital Brasileira do Carvão” e passando também a ser conhecida como a “Capital do Azulejo”.

Ano	Carvão	Cerâmica	Têxtil-vestuário	Metalomecânico
1960	3.931	212	39	20
1965	4.291	149	75	97
1970	3.488	829	331	188
1975	3.970	2.107	751	882
1980	4.399	3.314	2009	1.584
1985	7.431	3.618	1.927	1.411
1990	3.238	5.046	1.779	924
1995	1.495	2.221	2.907	1.043
2000	1.154	2.233	3.682	1.173

Quadro 1 – Números de trabalhadores por setor nas décadas de 1960 a 2000

Fonte: GOULARTI FILHO, 2002.

O quadro evidencia que durante as décadas de 1960 até 1980, houve um grande crescimento da força de trabalho no setor da cerâmica, enquanto o setor da mineração, a partir da década de 1980 e 1990, experimentou várias crises, levando ao fechamento de algumas minas de carvão na região, e, conseqüentemente, a diminuição do número de trabalhadoras e trabalhadores. A diminuição dos postos de trabalho no setor cerâmico viria ocorrer na década de 1990, com o fechamento de uma das maiores cerâmicas no município, a Cesaca, e posteriormente a Cecrisa. Enquanto isso, o número de trabalhadores do setor do vestuário ia crescendo.

Observamos também que, durante as décadas de 1960 até 1980, o setor do vestuário, juntamente com o setor metalomecânico, cresceu, e ambos passaram a fazer parte da economia do município; porém, a partir da década de 1990, esses setores começam a decair e somente no ano de 2000 voltaram a crescer.

Em 1987, período pelo qual o setor carbonífero passava por uma crise, os setores do vestuário e cerâmico geravam aproximadamente 15 mil empregos diretos, sendo a maior parte deles ocupados por mulheres. Das mulheres que trabalhavam nas malharias e nas cerâmicas, anteriormente, 42,2% eram donas de casa; as que trabalhavam na agricultura com seus pais ou maridos somavam 10,9% (GOULARTI FILHO; NETO,

1997). Nesse contexto, podemos dizer que muitas dessas mulheres que trabalhavam nas cerâmicas, e nas malharias, anteriormente, poderiam ter trabalhado como escolhedeiças nas minas de carvão da região.

Carlos Renato Carola (2002, p. 24) observa que:

Principalmente nas décadas de 1940 e 1950, as mulheres constituíram uma força de trabalho significativa nas minas de carvão da região carbonífera de Santa Catarina. Sua presença no espaço das minas deu-se por, pelo menos, trinta anos de mineração, mas aos olhos da história oficial, elas ficaram imperceptíveis.

Muitos desses trabalhadores haviam abandonado o trabalho no campo, deixando suas cidades e migrando para Criciúma em busca de construir uma nova vida em que tivessem melhores condições e, o mais importante, conseguir dar aos filhos o que muitos não tiveram acesso, como educação, lazer etc.

<b>Cidade natal</b>	<b>Nº de trabalhadoras e trabalhadores</b>	<b>Participação (%)</b>
Araranguá	22	3,9
Criciúma	162	28,7
Imaruí	20	3,5
Imbituba	53	9,4
Jaguaruna	22	3,9
Laguna	82	14,5
Lauro Muller	10	1,7
Orgias	23	4,0
Palhoça	12	2,1
Tubarão	44	7,8
Urussanga	26	4,6
Outras cidades	83	14,7
Não identificado	4	0,7
<b>Total</b>	<b>563</b>	<b>100</b>

Quadro 2 – Procedência dos trabalhadores do setor cerâmico de Criciúma na década de 1970

Fonte: LUZ, 2005.

O quadro acima evidencia a procedência desses trabalhadores que deixaram para trás suas cidades e vieram para Criciúma na década de 1970, principalmente para tentar construir aqui uma nova vida. Nesse período, as cerâmicas necessitavam de um grande contingente de trabalhadores, pois grande parte do trabalho era realizada de forma manual. A maioria dos trabalhadores do setor cerâmico de Criciúma era constituída de mão de obra migrante, provenientes dos vários municípios do Sul Catarinense e até de

outras regiões do estado. Como demonstra o quadro acima, 71,3% da mão de obra foi formado por migrantes que, influenciados pela grande propaganda feita pelas cerâmicas de Criciúma, abandonaram suas antigas formas de trabalho (agricultura, pesca, mineração etc.) na perspectiva de melhorarem suas condições de vida.

### **Experiências de trabalho**

As trabalhadoras e os trabalhadores de Criciúma do setor cerâmico vivenciaram no cotidiano do espaço fabril, as mais diversas experiências: organização sindical, formas de sociabilidade, lutas e resistências, como os exemplos apresentados a seguir.

A senhora Idene Silvano Barbosa (BARBOSA, 2006) começou a trabalhar na cerâmica Cecrisa com a idade de 25 anos, durante o período de 1989–1991, na função de Classificadora; no entanto, ela, como muitas outras trabalhadoras, nessa época não precisaram fazer exames médicos para serem admitidas, eram contratadas sem esse procedimento.

Em sua narrativa, Idene explica que trabalhou durante dois anos na cerâmica no horário das 14 às 22 horas, com apenas 40 minutos para fazer lanche. Após o fechamento da cerâmica Cecrisa, em 1991, Idene decidiu não trabalhar mais no setor cerâmico, e passou a cuidar de sua família. Durante o período em que ficou “sem trabalhar”, Idene retornou aos estudos e concluiu o Ensino Médio. Idene, aos 42 anos, trabalha na igreja de Nossa Senhora da Salete, fazendo serviços gerais (BARBOSA, 2006).

Na narrativa da senhora Idene Silvano Barbosa, ficou evidenciado as duras condições de trabalho no setor cerâmico. O trabalho de classificação era muito cansativo, por ser feito em pé. A atividade, realizada por duas a quatro mulheres, consistia em classificar os azulejos dispostos sobre uma mesa, e depois encaixotá-los e colocar as caixas nos estrados.

A experiência de trabalho da senhora Ana Zuleide Rossi começou logo cedo, pois ela e seus irmãos eram agricultores, fazendo o plantio de milho e fumo. Em 1982, aos 21 anos, entusiasmada com a propaganda feita pelas cerâmicas, saiu de sua cidade (Treviso) e veio para Criciúma, e logo começou a trabalhar na cerâmica Cesaca como operadora industrial. Posteriormente, passou a trabalhar no setor de serigrafia. Quando se aposentou, em 1996, Ana acabou saindo da cerâmica e passou a se dedicar aos estudos: em 2000, formou-se em enfermagem (ROSSI, 2007).

Ana Zuleide Rossi relata que começou a trabalhar na cerâmica Cesaca na função de operadora industrial, e também trabalhou na esmaltadeira; depois, passou a trabalhar na serigrafia, ou seja, fazendo a decoração dos azulejos. Ressalta que, antes de chegar a ela, os azulejos passavam pelas seguintes etapas: eram queimados, seguiam para o véu (máquina responsável pela esmaltação do azulejo), depois iam para o rebarbador, que retirava as laterais e o esmalte que havia em excesso (ROSSI, 2007).

Para finalizar o processo, o azulejo chegava à serigrafia e, dependendo do desenho, passava por três ou quatro serigrafias. Ana relata também que ouvia dizer que, inicialmente, esse processo era feito manualmente, mas quando começou a trabalhar na cerâmica, o processo de serigrafia já era feito mecanicamente. Sobre sua experiência de trabalho Ana ainda recorda:

Quando comecei a trabalhar em 1982, o salário era em média Cz\$ 18, trabalhávamos de segunda a sábado; entre 1987 a 1988, trabalhavam sábados e domingos e folgavam 6 por 2, os azulejos eram 20x20. Na cerâmica tinha 80% de mulheres e 20% homens (nos setores de serigrafia e da classificação), devido às mulheres terem mais paciência e mais prática (ROSSI, 2007).

Na narrativa de Ana, podemos observar uma divisão do trabalho masculino e feminino em alguns setores das cerâmicas. O gênero aparece para definir as atividades desempenhadas por homens e mulheres. As mulheres eram muito requisitadas nos setores da serigrafia e da classificação; eram reconhecidas pela sua paciência e sensibilidade, visto que elas não deixavam passar nenhum azulejo com defeito. Apesar de sua jornada de trabalho ser igual a dos homens, não recebiam qualquer benefício a mais.

A significativa presença das mulheres na cerâmica e a divisão do trabalho masculino e feminino foram também abordadas pelo Presidente do Sindicato dos Ceramistas, Itaci de Sá, que desde 1967 preside a instituição. Itaci de Sá já passou por muitas experiências na direção da instituição. Com mais de 40 anos na presidência do sindicato, vivenciou muitas greves, a emergência de novas tecnologias, ocorrida principalmente a partir da década de 1980, e também o fechamento de tradicionais cerâmicas (Cesaca e Cecrisa), que durante muitos anos proporcionaram empregos para muitos trabalhadores.

De acordo com Itaci de Sá, a mão de obra no setor na década de 1980 era constituída de 50% de mulheres e 50% de homens. Nos setores da escolha e serigrafia, elas representavam cerca de 70% (SÁ, 2003). Explica que as mulheres trabalhavam



nesse setor, pois “mulher tem mais habilidade, mais sensibilidade na classificação, tem que ter sensibilidade” (SÁ, 2003). As narrativas de Ana e do presidente do Sindicato se aproximam, e ao que tudo indica havia um consenso no que tange à suposta paciência, sensibilidade das mulheres no desempenho de determinadas atividades nas cerâmicas.

Em sua narrativa, Itaci de Sá aponta para as mudanças introduzidas com as novas tecnologias. Destaca o uso das prensas automáticas com os atomizadores que levaram ao aumento da qualidade em 95% a 98%. Esses azulejos eram classificados em três níveis de acordo com sua qualidade, que iam de A a C. Os azulejos classificados com a letra A eram aqueles que não possuíam nenhuma falha ou pigmentos, já os azulejos B e C eram inferiores, mais baratos e possuíam mínimas rachaduras ou diferenças de esmaltação (SÁ, 2003).

Antes de ocorrer a mecanização das cerâmicas, necessitava-se de grande demanda de força de trabalho, sendo ela, na sua maioria, não qualificada; e muitos trabalhadores eram analfabetos. As novas tecnologias contribuíram para diminuir o número de trabalhadores na cerâmica, mas, em especial, a força de trabalho feminina. Contrapondo-se aos dados apresentados pelo Presidente do Sindicato, a pesquisa de Maurício Aurélio dos Santos também faz referência à participação das mulheres na força de trabalho das cerâmicas. Seus dados diferem frontalmente dos fornecidos pelo sindicato da categoria. Segundo Santos (2002, p. 399), “na primeira metade da década de 80 o conjunto de mão-de-obra contou com 18,5% de mulheres, subindo para 25,5% na segunda, metade, caindo para 24,4% na primeira metade da década de 1990”. Mesmo apresentando dados diferenciados, o que ficou evidenciado foi a presença significativa de mulheres trabalhando no setor cerâmico, bem como a divisão do trabalho efetuado por homens e mulheres.

Itaci de Sá ainda busca explicar a diminuição do trabalho feminino na cerâmica. Destaca a gravidez (licença-maternidade) e a menstruação (muitas mulheres não se sentiam bem nesses períodos e faltavam ao trabalho) como “problemas” enfrentados pelas mulheres que levavam ao afastamento do trabalho.

Existe aquele problema de que, não é problema, é uma coisa natural, mas a mulher tem o problema da gravidez, da menstruação, aquele negócio todo. Então o que as empresas fizeram foram eliminando as mulheres desse setor (SÁ, 2003).

As palavras do presidente do sindicato nos levam a interpretar dois significados: primeiro, a falta de conhecimento deste em relação ao real percentual do contingente

feminino na categoria, pois, segundo os dados apresentados por Santos (2002), baseados em fontes documentais oficiais, a participação das mulheres no setor era bem menor. Em segundo, observa-se que não havia ação por parte do Sindicato no sentido de defender a manutenção do trabalho feminino.

As evidências permitem inferir também que as novas tecnologias foram o principal responsável pela significativa diminuição do trabalho feminino no setor cerâmico, e o suposto “problema” trazido pelas mulheres constitui-se de um discurso criado pelo presidente do sindicato e também pelos empresários para justificar essa diminuição.

A experiência de trabalho de Maria Salete Budny começou cedo, aos 16 anos. Solteira, começou a trabalhar na cerâmica Cesaca na função de auxiliar de servente. Por ter iniciado no trabalho muito jovem, não pôde concluir seus estudos, que futuramente lhe acabariam fazendo falta, pois, com o fechamento da cerâmica Cecrisa, a maioria de seus colegas foi trabalhar na cerâmica Portinari, mas Salete, por não possuir 2º grau completo, não foi admitida pela empresa (BUDNY, 2006).

No entanto, Salete nunca desistiu de trabalhar. Após deixar a cerâmica, casou-se e passou a trabalhar na casa do presidente do sindicato e no hospital São José. Em 2006, com 42 anos, foi trabalhar em um restaurante, fazendo serviços gerais. Salete ainda relata que, quando resolveu casar em 1981, acabou sendo convidada pelo supervisor a retirar-se da cerâmica e deixar o trabalho, pois mulher casada engravidaria, acabaria se afastando do trabalho e trazendo prejuízos para a empresa (BUDNY, 2006).

Além das trabalhadoras e dos trabalhadores casados (8,2%), havia também um grande número de solteiras(os) (10,3%), desquitadas(os) (5,6%) e noivas(os) (2,5%). A maior parte desses trabalhadores, por falta de oportunidade, não estudara e 12,1% possuía apenas o Ensino Fundamental incompleto (1º ano); aproximadamente 8,4% possuía o Ensino Fundamental (anos iniciais) completo. Apenas 6,4% tinha o Ensino Médio completo, sendo os homens aqueles que possuíam a maior escolaridade, pois as mulheres ficavam em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos (ARQUIVO CECRISA).

A experiência de trabalho do senhor Ângelo Bortoluzo Neto (2007) começou aos 17 anos. Solteiro, começou a trabalhar na cerâmica Cesaca em 1964, no setor das prensas. Após alguns anos trabalhando na cerâmica, em 1980, foi convidado pelo

presidente do sindicato a fazer parte deste. Em 2007, aos 60 anos, o senhor Ângelo ainda trabalhava no sindicato.

Sobre a sua experiência de trabalho na cerâmica, o senhor Ângelo recorda:

O trabalho na cerâmica era um trabalho pesado, todos os setores eram pesados. Todos gostavam porque a gente vinha do interior, a gente vinha da roça, então o trabalho era bom. O trabalho era manual, não cheguei a pegar o tempo da cerâmica mecanizada, acho que o trabalho hoje é bem melhor. (BORTOLUZE, 2007).

Como na maioria das empresas, ao entrar para o trabalho fabril, o trabalhador passava por um período de 30 dias sendo avaliado pelos supervisores. Nas cerâmicas, a avaliação era realizada por meio de conceitos: MI médio inferior, MS médio superior, BB bom. O trabalhador era avaliado em cinco conceitos: disciplina, assiduidade, disposição para o trabalho, produtividade e responsabilidade. Cada um recebia um conceito de avaliação. Se o trabalhador não passasse nesses quesitos era quase certo que seria dispensado da empresa. (ARQUIVO CECRISA)

Por esses conceitos podemos perceber como era a disciplina na cerâmica. Os trabalhadores eram avaliados durante o período de experiência nos cinco conceitos estabelecidos pela empresa: disciplina, assiduidade, disposição para o trabalho, produtividade e responsabilidade. Caso não fossem aprovados, eram dispensados da cerâmica, pois, para eles, o que interessava eram trabalhadores disciplinados e que produzissem.

Em muitos casos, os funcionários nem chegavam a passar pelo período da experiência, como relata Maria Salete que após ter feito o psicotécnico, começou a trabalhar na cerâmica Cesaca em 1978, como auxiliar de servente, e quatro meses depois foi promovida para trabalhar na classificação. Nesse período, o processo de fabricação e classificação do azulejo ainda era feito manualmente (BUDNY, 2006).

Em 1985, Maria Salete passou a trabalhar na cerâmica Cecrisa, ainda como classificadora. As condições de trabalho já eram melhores, pois os funcionários utilizavam luvas e assim não queimavam as mãos e os dedos com azulejos que saíam quente dos fornos. Todos trabalhavam de uniformes. Segundo Salete, no início, o trabalho era lento e os trabalhadores davam conta da produção, mas, com a chegada das máquinas, ficou mais rápido e muitas vezes os trabalhadores não davam conta (BUDNY, 2006).

Na década de 1970, a maior parte dos trabalhadores da cerâmica Cecrisa recebia em média um salário de mil cruzeiros, equivalente a dois salários mínimos da época, e trabalhavam 8 horas por dia, com direito à meia hora de descanso.

Já os trabalhadores da cerâmica Cesaca recebiam seus salários por hora trabalhada e mais a insalubridade, que variava de acordo com a função. O servente recebia 1,04 cruzeiro por hora, mais 10% de insalubridade. Os serventes da esmaltadeira recebiam 6,30 por hora e 20% de insalubridade (LUZ, 2005). Esses salários variavam de acordo com o horário de trabalho e muitas vezes de acordo com o sexo. A diferença de salário existente entre homens e mulheres era significativa. Geralmente, as mulheres trabalhavam nos mesmos horários dos homens e, ainda assim, recebiam salários menores.

### **Trabalhadoras, trabalhadores e o Sindicato**

Com o aumento da produção e o sucesso do setor, os trabalhadores da cerâmica passaram a reivindicar melhores condições de trabalho e também aumento salarial. Dessa forma, por muitas vezes, foram feitos acordos entre trabalhadores e empresários. Entretanto, alguns desses acordos não foram cumpridos pelos empresários e os trabalhadores viram nas greves a maneira de fazer com que suas reivindicações fossem atendidas.

Nesse contexto, em 1979, os ceramistas juntaram-se aos mineiros e aos metalúrgicos fazendo uma greve com a adesão de várias categorias de trabalhadores. O jornal da época relata este acontecimento: “Os empregados da Cerâmica Santa Catarina (CESACA) e Cerâmica Criciúma (CECRISA) não compareceram ao trabalho em virtude de todos estarem reivindicando também melhores salários” (CORREIO DO SUDESTE, 12/09/1979, p. 4).

Após uma série de negociações entre sindicalistas e empresários, as reivindicações dos trabalhadores acabaram sendo atendidas. Não há, nos anos seguintes, notícias de greves que tenham parado ou mobilizado outros setores, já que muitos, por medo, preferiram não realizar greves nem faziam parte da direção do sindicato.

Sobre esse sentimento dos trabalhadores, o senhor Ângelo recorda: “O sindicato até aparecia lá, mas o problema era que o pessoal tinha medo, pois dizia se tu fores do ou no sindicato você vai para rua, não sei se era pressão dos encarregados ou da direção da empresa” (BORTOLUZE, 2007).

A partir de 1982, os trabalhadores da Cerâmica Cecrisa enfrentaram várias dificuldades, pois a empresa estava com problemas em vender seus produtos e, para não ter prejuízos, resolveu reduzir a jornada de trabalho de 48 horas para 40 horas semanais, conseqüentemente, levando à diminuição dos salários.

Essa situação começou a se estabilizar somente a partir dos anos 1985–1986. Já era possível vislumbrar o bom momento para o setor. A jornada de trabalho havia voltado a ser de 48 horas semanais e os trabalhadores já apresentavam novas reivindicações aos empresários (TRIBUNA CRICIUMENSE, 27/11/1982, p. 1).

No entanto, quando perguntamos nas entrevistas sobre a atuação do Sindicato da categoria, ficou clara a insatisfação e o descontentamento por parte das trabalhadoras. Insatisfação essa que pode ser entendida no relato de Terezinha Garcia , que trabalhava na Cerâmica Cecrisa como auxiliar de escolha:

Naquela época a gente até achava que trabalhava, mas depois, assim com o tempo, eu não sei. Como é que vou dizer, a gente passou a não acreditar mais. Eu pagava, mas não acreditava tanto. Depois de uns cinco anos, teve uma época do pagamento, desse mesmo dissídio coletivo, que eu fiz quarenta e oito dias de greve e eu perdi minhas férias inteiras. Quer dizer que não ganhamos nada. Eu vi que era um sistema que não dava certo. Aí, muitos disseram que foi por culpa do sindicato, né. O sindicato ajuda mais o patrão do que os funcionários (GARCIA, 2006)

A narrativa de Terezinha demonstra a sua insatisfação e desconfiança com o sindicato, na defesa dos direitos dos trabalhadores, já que em muitos momentos o Sindicato da categoria esteve mais a favor dos proprietários das cerâmicas do que dos próprios trabalhadores, que sempre lutaram para conseguir melhores condições de trabalho e aumento salarial.

Terezinha considera a atuação do sindicato ineficiente na defesa dos interesses da categoria. Essa atuação sindical é conhecida como pelega, que atua apenas como mediador nos conflitos, não como órgão de defesa dos trabalhadores (VOLPATO, 1984 [fonte oral]).

O setor cerâmico alcançou seu auge por volta de 1987. Nesse contexto, os trabalhadores reivindicaram o aumento salarial de 185% e também a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem diminuição dos salários (JORNAL DA MANHÃ, 22 e 23/11/1987, p. 3).

Sobre tais reivindicações, o Jornal da Manhã comentava:

[...] Itaci de Sá confia no bom senso dos empresários nas negociações salariais. Ele disse que as possíveis realizações americanas, que devem atingir o setor cerâmico “não são

motivo para truncar as negociações” [...], portanto sabemos que o que existe são tentativas de usarem uma situação generalizada. (JORNAL DA MANHÃ, 22 e 23/11/1987, p. 3)

Após a conquista dos trabalhadores das cerâmicas da redução de sua jornada semanal, em 1987, um ano depois, eles pararam novamente. Agora, reivindicando jornada de 6 horas diárias em vez de 8 horas. Segundo o Jornal da Manhã, “com a adesão de mais de 90% dos cerca de dez mil operários hoje a tarde a categoria ia reunir-se em assembleia” (JORNAL DA MANHÃ, 22 e 23/11/1987, p. 3).

No cenário nacional, ao longo da década de 1980, ocorreram mudanças no papel e na organização sindical que contribuíram para ampliar as lutas dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho. Essas mudanças foram analisadas por Armando Boito Júnior (1991, p. 47):

Houve um progressivo afrouxamento do controle governamental sobre a vida interna dos sindicatos. Diversas correntes sindicais mais agressivas no plano de luta reivindicava e de orientação não governista ascenderam no interior da estrutura sindical oficial. O resultado foi que parte significativa e crescente dos sindicatos oficiais passou a ser utilizada para organizar e dirigir a luta sindical dos trabalhadores.

Em relação à participação dos trabalhadores nas lutas da categoria, foi possível distinguir dois grupos bem distintos: aqueles que participavam ativamente das lutas, das greves, e aqueles que não participavam. Muitos trabalhadores não acreditavam nas greves, pois interpretavam que sempre saíam prejudicados. Alguns até participavam dos movimentos de greve, mas não se envolviam diretamente nos piquetes realizados pelo sindicato. Assim, conclui-se que o sindicato não era devidamente organizado, pois muitos trabalhadores não participavam das suas ações mais importantes.

Exemplo dessa desorganização pôde ser percebido no relato de Ana, que, durante uma greve, sem poder trabalhar e não querendo participar dos piquetes, foi para a casa de seus pais para trabalhar na roça e, após o término da greve, voltou à empresa (ROSSI, 2007). Ana ainda explica que alguns simpatizantes da greve foram demitidos da cerâmica, pois eram vistos pelos patrões como arruaceiros que a qualquer momento poderiam realizar novas greves.

Na greve desencadeada em 1988 pelos trabalhadores, foram 37 dias de paralisação. As cerâmicas já calculavam seus prejuízos, já que deixaram de produzir mais de 300 mil metros de azulejos diários. A greve acabou em novembro, sem que os trabalhadores conseguissem que suas reivindicações fossem atendidas. A paralisação teve grandes proporções e, se continuasse, era quase certo que os trabalhadores

conseguiriam as suas 6 horas diárias. (JORNAL DA MANHÃ, 19 e 23/11/1988, p. 3 e 5). Segundo Idene, “no final parecia que o Sindicato havia sido comprado pela empresa” (BARBOSA, 2006).

No final da década de 1980 e início de 1990, vários setores produtivos foram atingidos, provocando desemprego, deixando os trabalhadores do município e da região em situação muito delicada. Naquele contexto, 12,6% da população encontrava-se em situação desesperadora, devido aos efeitos devastadores do avanço das políticas neoliberais em especial no governo do presidente Fernando Collor de Melo.

Sobre a crise que atingia o município, José Paulo Teixeira (1996, p. 72) explica:

O fantasma do desemprego atingiu todos os ramos de atividades. Além dos setores cerâmicos e de mineração, os mais duramente atingidos, a recessão diminuiu a oferta de emprego nos setores metalúrgico, vestuário e calçados [...]. Apenas nos setores industriais analisados, mais de oito mil trabalhadores perderam seus empregos, o que representa 22% do total analisado. Dos nove mil trabalhadores nas indústrias de cerâmica, 7.600 estavam em férias ou em licença remunerada e, em torno de 400 perderam seus empregos. No setor do vestuário houve cerca de duas mil demissões.

Em 1989, o setor cerâmico novamente desencadeia uma greve para reivindicar um aumento salarial de 219%. Na assembleia, os empresários ofereceram reajuste de 67,5%, que não foi aceito pela categoria. Após muitas negociações, finalmente os empresários ofereceram 100% de reajuste. Sabendo que um aumento superior não seria dado pelos empresários, os trabalhadores aceitaram a proposta e voltaram ao trabalho. Para o advogado Milton Mendes de Oliveira, “difícilmente se conseguiria um reajuste melhor se fosse para o Tribunal Regional do Trabalho” (JORNAL DA MANHÃ, 14/02/1989, p. 3).

O Sindicato dos Trabalhadores Ceramistas de Criciúma, bem como os demais sindicatos, temiam que o mesmo fim trágico do setor extrativista pudesse ocorrer no setor cerâmico. No entanto, em pouco tempo, a crise foi sendo controlada e o setor foi se recuperando. Segundo Santos (1997, p. 84), isso somente ocorreu porque, “ao contrário da economia carbonífera, a indústria cerâmica não depende do governo como principal comprador, o que a torna mais dependente dos novos investimentos, para poder competir”.

Como podemos observar, seguindo um movimento nacional, a década de 1980 foi, para os trabalhadores de Criciúma, o período de maior mobilização de lutas e resistências, de reivindicações por melhores salários, condições de trabalho, diminuição da jornada de trabalho etc., num contexto em que o País experimentava um processo de

transição política e uma crise econômica que castigou profundamente vários setores da indústria da cidade.

### **Tensão no chão da fábrica: advertências, suspensões e resistências**

Élson Speck:

Lamentamos adverti-lo pela irregularidade ocorrida no dia 30/12/71, quando houve corte no fornecimento de energia elétrica ocasionando o desligamento dos fornos. Com o retorno da energia, os fornos foram religados, com exceção do P-1.4089, o qual permaneceu desligado por 4 horas, cuja grave consequência é plenamente de seu conhecimento. Esperamos sinceramente que fatos dessa natureza não mais venham a ocorrer (Gilberto Oliveira – Departamento Administrativo). (ARQUIVO CESACA/CECRISA)

Os supervisores eram vistos como carrascos pelos funcionários, já que a qualquer descuido, como ocorreu com Élson Speck, ou um pequeno atraso, lá estavam eles sempre dispostos a adverti-los ou suspendê-los. Algumas entrevistadas relataram que suas relações com seus patrões encarregados, e às vezes até mesmo com seus colegas de trabalho, não eram boas, e muitos chegavam a discutir e brigar. Outros revelaram que suas relações eram boas, tanto com os patrões como com os colegas.

Ana relata que nos finais de semana se reunia com as colegas e iam para as festas, missas e bailes, para se divertir e descansar do trabalho da cerâmica. Ângelo recorda que no seu setor havia muita união e muitas vezes após o expediente os amigos da fábrica iam a um barzinho e realizavam uma festinha. Sobre essas confraternizações, Ângelo ressalta: “nós não se encontrava toda vida, só nos fins de semana, e principalmente quando saía o pagamento” (BORTOLUZE, 2007).

Conforme Ângelo, dentro da empresa havia vários comentários sobre as advertências e suspensões. No entanto, ele nunca chegou a entrar em detalhes sobre as causas das advertências, mas ouvia falar que acontecia devido à falta de atenção dos trabalhadores, que deixavam cair no chão quebrando os azulejos, e alguns propositalmente deixavam passar azulejos com falhas. Segundo Idene, “se houvesse três ou quatro reclamações já levava advertência. A gente assinava uma folha, se tivesse três ou quatro era suspensa do serviço” (BARBOSA, 2006).

Exemplo disso foi o de Alfra Coelho, que recebeu uma suspensão do seu supervisor: “Comunico que a funcionária Alfra Coelho, ainda em período de experiência, não é boa funcionária, é indisciplinada, não demonstra nenhum interesse pelo trabalho, está sempre reclamando, nada para ela está bom” (ARQUIVO CESACA/CECRISA).



As advertências geralmente eram dadas por motivos banais. Carlos Roberto Máximo foi advertido por ter saído do seu serviço e ter ido escrever seu nome na lama, mas ele negou. Elza Maria Joaquim foi advertida por ter colocado uma peça de refugo no extra; Florentina Honorato da Silva foi advertida por ter demorado no banheiro e foi advertida pela segunda vez por fazer comércio dentro da empresa. Elza Berto Silveira foi advertida por ter demorado no banheiro.

Essas advertências eram apenas uma forma de avisar aos trabalhadores sobre suas faltas. Em casos mais graves, estes poderiam receber suspensões de dois ou três dias de serviço. Muitas dessas advertências eram propositais, por ser uma forma de os trabalhadores conseguirem um tempinho de descanso, visto que o trabalho na fábrica era muito pesado. Outras advertências, como fazer comércio dentro da fábrica, revelam a maneira pela qual alguns trabalhadores conseguiam uma renda extra, já que muitas vezes seu salário na cerâmica não garantia o sustento de suas famílias.

Outro exemplo disso aconteceu com Florentina Honorato da Silva, que recebeu dois dias de suspensão por ter agredido fisicamente outra funcionária e por ter faltado vários dias de serviço sem comunicar o seu supervisor ou a empresa (ARQUIVO CESACA/CECRISA).

O número de suspensões não era tão grande quanto das advertências. A maioria das advertências verbais ocorria devido à demora no banheiro e por atraso para tomar água. Esses atrasos eram também uma forma dos operários ganharem tempo, já que o trabalho era cansativo e pesado. Esse tipo de prática é chamado por Thompson de “formas simbólicas de dominação e resistência” (THOMPSON, 1981, p. 189).

Ainda nesse contexto, Solange relata que a demora ao banheiro era uma forma de descanso:

[...] Ao banheiro só ia de duas em duas, né, tinha que olhar. Na escolha fria tu via tudo. Era tudo aberto, né, aí tu tinha que notar se tinha muita gente no banheiro. Era duas três por vez, só. Aí tinha aquele tanto. O encarregado, acho que via quanto tempo ficava. O certo era ficar muito tempo. Elas sentavam para descansar, enrolar (PERRUCHI, 2006).

A demora no banheiro, como relata Solange, configurava-se em pequenas táticas de resistência dos trabalhadores, já que estes eram controlados pelos supervisores, que a qualquer falha estavam sempre prontos para adverti-los ou suspendê-los.

### **Considerações:**

Os poucos documentos disponibilizados pelos diretores do sindicato para esse trabalho, por má vontade ou por não ter realmente um arquivo organizado e nenhum compromisso com a memória da categoria, nos dificultaram muito a realização de uma pesquisa mais apurada, a fontes documentais importantes para dar visibilidade à história desses trabalhadores.

Foi possível perceber, no entanto, um descompasso entre as decisões tomadas em assembleia pela categoria, demonstrando um nível de consciência de seus direitos e a efetiva participação do sindicato na luta reivindicatória por tais direitos. Isso ficou evidente nas entrevistas utilizadas neste trabalho. Alguns entrevistados mostram claramente sua desconfiança em relação às posições do presidente do sindicato durante as greves.

Ficaram evidenciadas as estratégias utilizadas por parte das empresas para o controle dos trabalhadores no espaço fabril, advertências e suspensões eram constantemente utilizadas por encarregados. Frente a isso, os trabalhadores foram criando pequenas táticas de resistência no cotidiano da fábrica.

Nesse sentido, ficou a necessidade de aprofundar esta pesquisa, buscando em outras fontes, furando bloqueios, entrevistando outros trabalhadores, cruzando informações, buscando exaustivamente, produzir uma análise mais apurada das experiências dessa importante categoria de trabalhadores.

## **Referências**

BOITO JUNIOR, Armando. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1991.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.

CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: UFSC, 2002.

DIAS, Maria Leite da Silva. Teoria de método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina G. de Oliveira; BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Uma questão de gênero*. São Paulo: Roda dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1982.

GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica de Santa Catarina*. Cidade Futura, 2002.

GOULARTI FILHO, Alcides; NETO, Roseli Jenoveva. *A indústria do vestuário: Economia, estética e tecnologia*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997; e o jornal Tribuna Criciumense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffer. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

LUZ, Júlio César Alves da. *PIC 170 de 2005. Relatório de pesquisa: Perfil formado pelas trabalhadoras das cerâmicas de Criciúma*.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral: caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História* 25/26. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.

SANTOS, Maurício Aurélio. *Crescimento e Crise na Região de Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC, 1997.

SANTOS, Maurício Aurélio. *Acumulação, Geração de Emprego e Diversificação no Sul de Santa Catarina: carvão, cerâmica e indústria de plástico*. Tese (Doutorado em História) - USP, São Paulo, 2002.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética e história oral. *Projeto História*, São Paulo, PUC, n. 15. abr. 1997.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade: Poder imaginário das elites em Criciúma*. Florianópolis: Insular, 1996.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *A Pirita Humana. Os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC, 1984.

#### **Fontes Orais:**

Ana Zuleide Rossi. Entrevista, 2007.

Ângelo Bortoluzo Neto. Entrevista, 2007.

Idene Silveira Barbosa. Entrevista, 2006.

Itaci de Sá. Entrevista realizada pelo Grupo de Pesquisa História Econômica do Sul Catarinense (Unesc), em agosto de 2003.

Maria Salete Budny. Entrevista, 2006.

Solange Marchinski Perruchi. Entrevista, 2006.

Terezinha Garcia. Entrevista, 2006.

**Periódicos:**

Correio do Sudeste, 12/09/1979, p. 4.

Jornal Tribuna Criciumense, 27/11/1982, p. 1.

Jornal da Manhã, 19 e 23/11/1988, p. 3 e 5.

Jornal da Manhã, 14/02/1989, p. 3.

**Arquivos:**

Arquivo das empresas Cesaca/Cecrisa, dos anos 1960/1980.

Ata da Assembleia Geral Extraordinária realizada pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e Mobiliário de Criciúma no dia 19/11/1987.